

DESEMPENHO GERAL DO SETOR



A atividade de impressão e reprodução de gravações acumula queda de 8,9% no primeiro semestre de 2019”

Fonte: PIM-PF /IBGE

Segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) Brasil. O setor industrial acumulou queda de 1,6%, nos seis primeiros meses de 2019. Entre as atividades, as indústrias extrativas (-13,7%) exerceram a maior influência negativa sobre o resultado do índice. Entre os setores relacionados à indústria gráfica ou consumidores de seus produtos, destacamos os seguintes desempenhos no semestre e em doze meses, respectivamente: fabricação de produtos alimentícios (0,2% e -4,6%); fabricação de bebidas (5,7% e 2,0%); produtos farmoquímicos e farmacêuticos (-4,1% e 3,3%); fabricação de celulose, papel e produtos de papel (-0,4% e 2,8%); impressão e reprodução de gravações (-8,9% e -4,7%). A atividade de manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos acumula queda de 10,4% no semestre e de 6,8% em doze meses. A indústria acumula nos últimos doze meses queda de 0,8% e permanece com a trajetória predominantemente descendente iniciada em julho de 2018. Na comparação de junho de 2019 com junho de 2018, a indústria encontra-se retraída em 5,9%.

DESEMPENHO GERAL DO SETOR

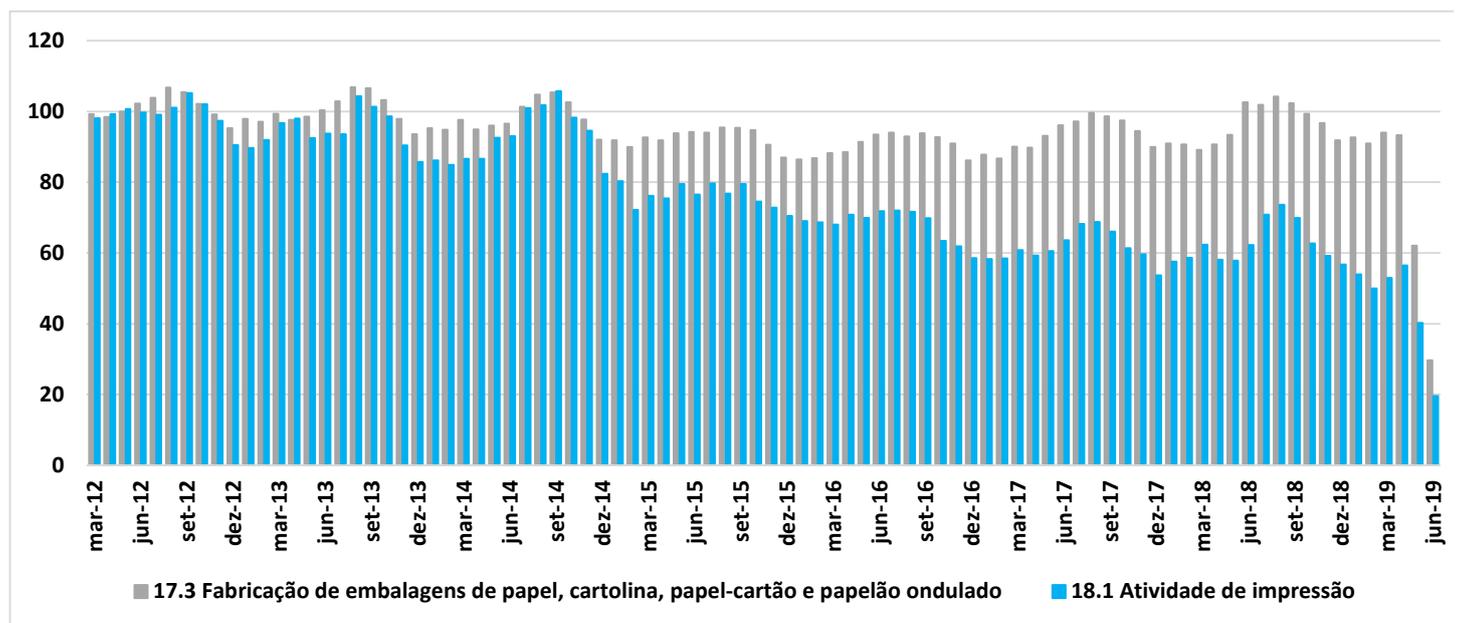
Tabela 01. Produção - Em variação (%) | Junho de 2019

Indicadores	Jun19/ Jun18	Jan Jun19/ Jan Jun18
Produção na Indústria		
Fabricação de embalagens de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado	2,4%	2,9%
Fabricação de produtos diversos de papel, cartolina, papel-cartão e papelão ondulado	-1,5%	-1,0%
Atividade de impressão*	-4,4%	-0,4%
Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	-3,9%	-2,9%
Serviços		
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-2,3%	-3,7%
Comércio		
Livros, jornais, revistas e papelaria	-27,1%	-23,6%

Fonte: PIM-PF/PMC/PMS -IBGE | Elaboração: Websetorial

*Impressão em jornais, revistas, livros, papel moeda, etiquetas, rótulos, impressos publicitários e promocionais, inclusive em lona e vinil, bulas e manuais.

Gráfico 01. Desempenho da produção | Número índice (Base 2012 = 100) - Média móvel trimestral | Até Junho 2019



Fonte: PIM-PF

DESEMPENHO DO EMPREGO NO SETOR

No acumulado de janeiro a junho de 2019, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério da Economia houve abertura de 1.173 vagas na atividade que contempla, entre outras, a fabricação nacional de máquinas e equipamentos gráficos no Brasil, totalizando o contingente de 77.487 trabalhadores. No comércio desses produtos houve a criação de 162 vagas. No mercado consumidor de máquinas e equipamentos gráficos destaca-se a criação de 357 postos de trabalho na indústria gráfica brasileira e o fechamento de 3.668 vagas nas gráficas rápidas no semestre. (Tabela 02)



Tabela 02. Evolução do emprego no setor - Em número de trabalhadores e variação (%) | Junho de 2019

Categoria	Jun 19	Dez 18	Saldo das contratações	Varição %
			Jun 19 (-) Dez 18	Jun 19/ Dez 18
Indústria de Insumos e M&E Gráficos	77.487	76.314	1.173	1,5%
Insumos gráficos, exceto papel*	39.543	39.132	411	1,1%
Indústria de M&E de uso específico**	37.944	37.182	762	2,0%
Comércio de M&E Gráficos***	28.744	28.582	162	0,6%
Mercado consumidor de M&E gráficos				
Gráficas rápidas	202.697	206.365	-3.668	-1,8%
Indústria gráfica	34.045	33.688	357	1,1%
Embalagens	43.221	38.587	4.634	12,0%
Etiquetas, cadernos, impressos comerciais e publicitários	65.253	44.960	20.293	45,1%
Editorial	37.003	65.722	-28.719	-43,7%
Material de segurança: cédulas, talões de cheques e ingressos	17.263	17.249	14	0,1%
Pré-impressão	5.912	6.159	-247	-4,0%
Acabamentos gráficos	6.480	6.159	-321	-5,0%

Fonte: Caged/MTE e Rais 2017 | Elaboração Websetorial

*CNAE 20.72 - 0 Fabricação de tintas de impressão, 20.99-1 Fabricação de produtos químicos não especificados anteriormente, que inclui chapas, filmes, papéis e outros materiais e produtos químicos para fotografia.

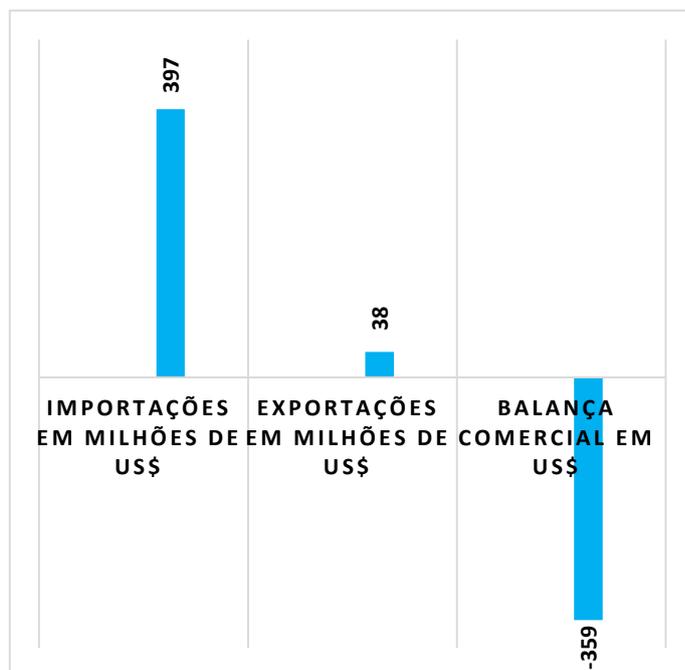
**CNAE 28.69-1 Fabricação de máquinas e equipamentos para uso industrial específico, não especificados anteriormente, que inclui M&E para a indústria gráfica (máquinas impressoras, máquinas para litografia, etc.), para encadernação, mas também para as indústrias do vidro, borracha, cerâmica e refino de petróleo.

***Comércio atacadista dos produtos da CNAE 28.69-1

COMÉRCIO INTERNACIONAL DOS PRODUTOS DO SETOR

No acumulado de janeiro a junho de 2019, as importações de máquinas e equipamentos gráficos totalizaram o valor de US\$ 396,9 milhões, com um recuo de 5,7% em relação ao mesmo período de 2018. As importações de máquinas de off set rotativas destacam-se nesse contexto, com o crescimento de 53% nas importações. As importações de off set planas recuaram 25,3% no período em questão. As importações de produtos gráficos, por sua vez, recuaram 8,5%, no primeiro semestre de 2019, impulsionadas pelo recuo de 17,5% nas importações de cadernos. Já as exportações do setor de máquinas e equipamentos gráficos apresentaram um recuo de 7,2%, no primeiro semestre de 2019. Em valor, totalizaram US\$ 37,7 milhões, ante US\$ 40,7 milhões no mesmo período de 2018, com destaque para o recuo nas exportações de 51,3% de máquinas de acabamento e aumento de 97,7% das de pré impressão. A balança comercial de máquinas e equipamentos gráficos, no primeiro semestre de 2019, registrou um deficit de US\$ 359 milhões.

Gráfico 01. Balança Comercial de Máquinas e Equipamentos Gráficos - Em milhões de dólares | Junho 2019



Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial



Tabela 03. Importações brasileiras de produtos, insumos e Máquinas e Equipamentos Gráficos - Em milhões de dólares em variação (%) | Junho 2019

Segmentos	Ac. Ano		12 meses		Variação %	
	Jan19-Jun19	Jan18-Jun18	Jun18-Jul19	Jun17-Jul18	Jan a Jun19/ Jan Jun18	Jun18-Jul19/ Jun17-Jul18
Indústria gráfica	246,3	269,1	533,2	580,5	-8,5%	-8,1%
Cadernos	1,7	2,1	4,5	4,5	-17,5%	0,0%
Editorial - Livros e revistas	44,8	53,6	106,5	120,5	-16,4%	-11,6%
Cartões impressos	29,3	28,9	55,5	53,8	1,3%	3,2%
Envelopes	0,0	0,0	0,0	0,0	137,1%	39,9%
Etiquetas Impressas	14,5	16,0	26,9	29,6	-9,4%	-9,1%
Embalagens Impressas	21,9	22,5	47,2	57,3	-2,3%	-17,6%
Impressos Promocional e Comercial	10,8	11,4	25,9	24,5	-5,2%	5,9%
Máquinas e equipamentos gráficos	396,9	421,0	813,8	852,8	-5,7%	-4,6%
Offset rotativa	45,1	43,2	89,6	77,5	4,3%	15,6%
Tipografia rotativa e plana	53,5	59,9	122,9	117,8	-10,7%	4,4%
Outras impressões	67,0	70,4	143,0	145,6	-4,7%	-1,7%
Diversos	139,4	152,4	275,5	314,7	-8,5%	-12,5%
Flexografia	62,3	53,5	114,5	116,0	16,3%	-1,3%
Pré-impressão	59,0	38,6	99,7	90,3	53,0%	10,5%
Acabamentos	10,8	7,5	22,2	17,0	42,9%	30,7%
Offset Plana	83,6	111,9	183,7	210,9	-25,3%	-12,9%
Impressão digital	7,4	6,6	13,8	13,2	11,8%	4,6%
Insumos, exceto papel	107,8	113,3	219,6	218,8	-4,8%	0,4%
Chapas	21,7	21,0	43,9	43,6	3,6%	0,6%
Tintas	1,7	1,2	2,6	2,6	40,3%	0,5%
Filmes	75,1	82,9	155,4	156,1	-9,4%	-0,4%
Outras chapas	9,3	8,3	17,7	16,5	12,7%	7,4%
Papel	190,2	201,8	379,7	411,6	-5,7%	-7,8%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

Tabela 04. Exportações brasileiras de produtos, insumos e Máquinas e Equipamentos Gráficos - Em milhões de dólares em variação (%) | Junho 2019

Segmentos	Ac. Ano		12 meses		Variação %	
	Jan19-Jun19	Jan18-Jun18	Jun18-Jul19	Jun17-Jul18	Jan a Jun19/ Jan Jun18	Jun18-Jul19/ Jun17-Jul18
Indústria gráfica	140,0	129,9	275,0	262,7	7,8%	4,7%
Cadernos	18,8	9,3	24,4	14,4	101,7%	69,4%
Editorial - Livros e revistas	12,3	10,3	26,9	22,3	18,6%	20,3%
Cartões impressos	27,7	41,1	67,0	91,0	-32,6%	-26,4%
Envelopes	0,0	0,1	0,0	0,2	-79,2%	-76,7%
Etiquetas Impressas	2,9	3,8	7,4	7,6	-24,0%	-1,7%
Embalagens Impressas	70,8	52,5	133,0	103,6	35,0%	28,4%
Impressos Promocional e Comercial	7,5	12,8	16,3	23,6	-41,2%	-30,9%
Máquinas e equipamentos gráficos	37,7	40,7	81,9	93,0	-7,2%	-11,9%
Offset rotativa	5,3	6,6	14,4	16,7	-20,0%	-13,9%
Tipografia rotativa e plana	0,7	0,7	1,2	1,2	-1,5%	-4,6%
Outras impressões	5,4	5,5	10,7	13,0	-3,1%	-17,0%
Diversos	8,8	10,6	19,0	18,3	-16,3%	3,8%
Flexografia	6,6	11,8	15,6	21,0	-44,4%	-25,5%
Pré-impressão	7,5	3,8	13,1	12,0	97,7%	9,1%
Acabamentos	2,8	5,7	6,6	11,2	-51,3%	-41,3%
Offset Plana	15,2	18,5	35,6	42,1	-17,8%	-15,4%
Impressão digital	0,0	0,0	0,1	0,1	-29,7%	-50,9%
Insumos, exceto papel	28,7	34,9	62,1	71,5	-17,7%	-13,1%
Chapas	11,4	13,0	22,6	26,7	-12,3%	-15,1%
Tintas	0,4	0,2	0,7	0,5	163,2%	59,5%
Filmes	5,4	7,5	11,5	15,0	-28,5%	-23,1%
Outras chapas	11,5	14,2	27,2	29,3	-19,1%	-7,2%
Papel	435,0	400,5	841,3	843,0	8,6%	-0,2%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

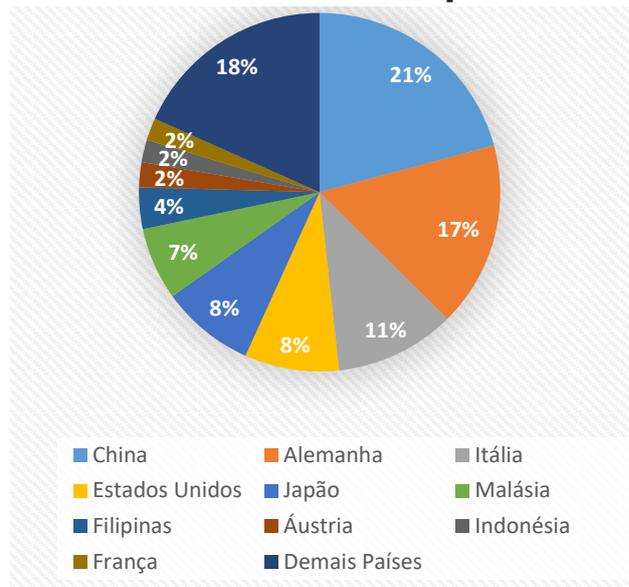
ORIGEM DAS IMPORTAÇÕES DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS GRÁFICOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019

No primeiro semestre de 2019, a China foi o principal país exportador de máquinas e equipamentos gráficos para o Brasil, totalizando o valor de US\$ 83 milhões, o que representou 20,8% de todas as importações de máquinas e equipamentos gráficos brasileiras.

A Alemanha ocupou o segundo lugar, com valor de US\$ 23 milhões, ocupando a fatia de 39,4% deste mercado, no período em questão.

Itália e Estados Unidos aparecem também como importantes fornecedores nos mercados de equipamentos para o acabamento e tipografia rotativa e plana, respectivamente. (Tabela 05)

Gráfico 02. Países de origem das importações brasileiras de M&E gráficos - Em milhões de dólares | Junho de 2019



Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

Tabela 05. Principais países de origem das importações brasileiras de M&E Gráficos - Em milhões de dólares | Acumulado de Janeiro a Junho de 2019

Segmentos	Principal país de origem das importações	Valor em milhões de US\$ importados do principal país	Part. % do principal país no total importado
Máquinas e equipamentos gráficos	China	83	20,8%
OFF Set rotativa	Alemanha	23	39,4%
Tipografia rotativa e plana	Estados Unidos	2	26,1%
Outras impressões	Itália	3	30,4%
Diversos	China	20	36,5%
Flexografia	China	29	43,7%
Pré impressão	Alemanha	19	49,8%
Acabamentos	Itália	13	29,7%
OFF Set Plana	Alemanha	23	36,9%
Impressão digital	Alemanha	25	17,9%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS GRÁFICOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019

O principal destino das exportações brasileiras de máquinas e equipamentos, no acumulado de janeiro a junho de 2019, foi a Argentina, que recebeu 18,7% do total, US\$ 7,1 milhões de US\$ 37,7 milhões exportado pelo Brasil. A Bélgica, por sua vez, comprou 80,2% das máquinas de OFF Set rotativa, exportados pelo Brasil, no período em questão.

As máquinas e equipamentos gráficos mais exportados pelo Brasil, no período, foram as de Pré impressão, tendo como principal destino o México, que comprou US\$ 2,3 milhões dos US\$ 7,5 milhões desse tipo de máquina exportada pelo Brasil, no primeiro semestre deste ano. (Tabela 06)

Gráfico 03. Destino das exportações de Máquinas e equipamentos Gráficos - Em milhões de dólares | junho de 2019



Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

Tabela 06. Principais países de destino das exportações brasileiras nos grupos de M&E Gráficos - Em milhões de dólares | Acumulado de janeiro a junho de 2019

Segmentos	Principal país de destino das Exportações	Valor em mil de US\$	Part. % do total
Máquinas e equipamentos gráficos	Argentina	7,1	18,7%
OFF Set rotativa	Bélgica	3,1	80,2%
Tipografia rotativa e plana	Estados Unidos	0,0	45,6%
Outras impressões	Argentina	1,0	37,7%
Diversos	Estados Unidos	0,2	32,2%
Flexografia	Argentina	1,5	28,4%
Pré impressão	México	2,3	14,9%
Acabamentos	Chile	1,0	19,0%
OFF Set Plana	Hong Kong	1,7	25,2%
Impressão Digital	Hong Kong	1,6	18,1%

Fonte: Comex Stat | Elaboração: Websetorial

ANÁLISE DE MERCADO

INDÚSTRIA

Atividade industrial: Levantamento do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) mostra que o cenário de reação fraca da atividade em 2018 teve reflexo na rentabilidade das empresas industriais, que mostraram resultados inferiores aos de outros ramos da economia. A mesma situação poderá se repetir em 2019. No agregado de 318 companhias não financeiras com dados contábeis disponíveis, a margem líquida de lucro (relação entre lucro líquido e receita líquida) subiu de 4,3% para 7,6% entre 2017 e 2018, superando com folga o percentual de 2,7% registrado em 2014, ano anterior à recessão. Para a indústria, contudo, a melhora foi bem mais tímida, pois no conjunto de 131 empresas do setor, desconsiderando Petrobras e Vale, o indicador avançou apenas 0,9 ponto percentual em 2018 sobre o ano anterior, passando de 3,7% para 4,6%. Com essa evolução, a margem líquida das companhias industriais ainda está 1,1 ponto abaixo do nível de 2014. O autor dos cálculos, Rafael Cagnin, economista do IEDI, destaca que o avanço mais expressivo foi observado nos serviços e, em menor grau, no comércio. Para o Instituto, as empresas fabricantes de insumos básicos, as de mineração e siderurgia mostraram as maiores altas na margem líquida, provavelmente devido à apreciação da cotação internacional das commodities metálicas. Na outra ponta, os segmentos de alimentos, construção e incorporação, higiene e limpeza, autopeças, calçados, eletroeletrônicos e material de transporte, entre outros, mostraram queda na rentabilidade de 2017 para 2018. Os setores com os piores desempenhos, de acordo com a entidade, também foram, de modo geral, os que mais contribuíram para a elevação do grau de endividamento das empresas, outra tendência preocupante. O ano de 2019, segundo o IEDI, tem sido desafiador, uma vez que o aumento da lucratividade não reduziu de forma significativa o nível de dívidas, especialmente nas indústrias. No total de empresas

da mostra, excluindo Petrobras, Vale e Eletrobras, o lucro líquido cresceu R\$ 28 bilhões entre um ano e outro, com alta de 45%, enquanto o endividamento bancário total cresceu em R\$ 105 bilhões (9,5%). No agregado de todas as companhias não financeiras, a relação entre endividamento líquido (empréstimos e financiamentos, menos caixa e aplicações financeiras) e capital próprio subiu 0,8 ponto percentual entre 2017 e 2018, para 96,6%. No setor industrial, a expansão foi bem maior, de nove pontos (87,1% para 96,1%). Fonte: MARTINS, Arícia, "Empresas retomam a rentabilidade, mas a indústria fica para trás" São Paulo, 3 de maio de 2019, Valor A3.

CELULOSE E PAPEL

Indústria de celulose e papel: O lucro do grupo Votorantim atingiu R\$ 4,4 bilhões no primeiro trimestre, valor 29 vezes maior que o do mesmo período do ano passado (R\$ 150 milhões), turbinado pela conclusão da venda da gigante de celulose Fibria para a Suzano. A Klabin, no primeiro trimestre de 2019, reverteu o lucro líquido de R\$ 125 milhões apurado há um ano e registrou prejuízo de R\$ 201 milhões. O fato é atribuído aos sócios da controladora, apesar do forte desempenho operacional, sobretudo no negócio de celulose. A empresa investiu, neste primeiro trimestre de 2019, R\$ 297 milhões, com alta de 29% na comparação anual, dos quais R\$ 84 milhões foram direcionados a operações florestais, R\$ 163 milhões destinados à continuidade operacional das fábricas e R\$ 50 milhões aplicados em projetos especiais e expansões. As vendas da Klabin tiveram um aumento de 3% no primeiro trimestre de 2019, sem incluir madeira, totalizando 783 mil toneladas, na comparação anual, beneficiada sobretudo pelo desempenho da unidade Puma, que mais uma vez operou acima da capacidade nominal. A participação das vendas no mercado doméstico foi de 52%, comparável a 51% um ano antes e a 47% no quarto trimestre. As vendas de celulose totalizaram 353 mil toneladas, de janeiro a março de 2019, o que resultou na expansão de 13%

frente ao volume vendido um ano antes. Desse total, 273 mil toneladas correspondem à celulose de fibra curta e 80 mil toneladas à fibra longa e fluff (usada em fraldas e absorventes higiênicos). Segundo a empresa, nos mercados de papéis e embalagens o volume de vendas foi afetado pelo “ritmo mais lento de recuperação da economia doméstica”, assim como pela recente piora na demanda verificada nos mercados internacionais, que foram em parte compensados pela flexibilidade da companhia na busca de mercados de alta rentabilidade. As vendas de papéis e embalagens da Klabin, em volume, recuaram 4% na comparação anual, entretanto a receita líquida nessas áreas de negócio cresceu 6%. A receita líquida da Klabin cresceu 14% no trimestre, impulsionada pelo maior volume produzido de celulose e melhoria do mix nas vendas, como consequência do aumento da receita e da disciplina de custos. A margem Ebitda atingiu 40% no primeiro trimestre, versus 35% no mesmo período do ano anterior. Fonte: FONTES, Stella, “Piora no resultado financeiro leva Klabin ao prejuízo”, disponível em <https://www.valor.com.br/empresas/6235417/piora-no-resultado-financeiro-leva-klabin-ao-prejuizo>, acesso em 13/06/2019; SCARAMUZZO, Mônica, “Venda da Fibria impulsiona lucro do grupo Votorantim no 1º trimestre”, disponível em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venda-da-fibria-impulsiona-lucro-do-grupo-votorantim-no-1o-trimestre,70002832151>, acesso em 12/06/2019

INDÚSTRIA GRÁFICA

Indústria gráfica: A RR Donnelley, multinacional responsável pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) desde 2009 e que atuou por 25 anos no país, decretou falência e paralisação de todos os trabalhos, em abril de 2019. A falência pode complicar ainda mais a situação do exame Enem, que está sendo afetado pela crise atual no Ministério da Educação (MEC), além do risco de segurança com a mudança da empresa. Os motivos que levaram a multinacional a pedir falência são as atuais condições de mercado na indústria gráfica e editorial tradicional, especialmente no Brasil. Fonte: CAFARDO, Renata, “Falência de gráfica que imprime Enem faz crescer incertezas sobre a prova”, São Paulo, 2 de abril de 2019, Estadão A11; RODRIGUES, Fernanda “Gráfica RR Donnelley culpa

mercado editorial por falência, e mercado sofre ‘mais um duro golpe’”, disponível em <https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/grafica-rr-donnelley-culpa-mercado-editorial-por-falencia-e-mercado-sofre-mais-um-duro-golpe/>, acesso em 12/06/2019

EDITORIAL

Crise no setor editorial: O relatório “O Espaço do Livro Ibero-Americano 2018” mostra que as crises econômicas do Brasil e da Argentina afetaram o mercado editorial na América Latina, uma vez que o mercado argentino teve um decréscimo anual de 23,8% em 2016 e o do Brasil de 12,3% em 2015 e de 8% em 2016. Segundo a pesquisa, a produção de exemplares comerciais no conjunto da América Latina caiu 39,9% entre 2013 e 2017, ou seja, de 322,16 milhões de cópias para 193,69 milhões. Especialmente no Brasil, as quedas foram mais drásticas. A diminuição de livros produzidos no País nesse período caiu 57,79% (de 179,08 milhões para 75,6 milhões). Na Argentina, a queda chegou a 41,17%, (de 60,78 milhões de cópias para 35,76 milhões). Entretanto, o registro de novos títulos na América Latina cresceu 2,3% entre 2016 e 2017, passando de 168.396 para 172.153. Os países latino-americanos com mais títulos registrados para cada 10 mil habitantes são o Uruguai, com 6,5; Argentina, com 6,4; Chile, com 4,4; e Brasil, com 4,2. Apesar dos golpes sofridos pela indústria editorial da região, há sinais de recuperação que poderão reverter a tendência a médio prazo. Fonte: REDAÇÃO, EFE, “Crises na Argentina e no Brasil atingem indústria editorial latino-americana”, disponível em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,crises-na-argentina-e-no-brasil-atingem-industria-editorial-latino-americana,70002866298>, acesso em 12/06/2019

Mercado editorial: A pesquisa “Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro”, elaborada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) a pedido da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL), destaca que o faturamento do mercado editorial brasileiro, contando vendas para o mercado e para o governo, encolheu 25% entre 2006 e 2018. A pesquisa mostra um aumento no número de exemplares vendidos ao

mercado no período (um crescimento consistente até 2013, e depois uma queda acentuada até 2018). O preço médio do livro, que não reflete necessariamente o valor pago pelo consumidor, mas representa o que as editoras ganham por volume vendido, caiu 34%, o que explica a redução no faturamento. No período de 2006 a 2010, houve uma redução drástica de preços nos exemplares de livros, decorrente da estratégia mal sucedida das editoras. Durante a crise econômica geral no Brasil, entre 2014 e 2018, as editoras mais afetadas foram as de livros científicos, técnicos e profissionais (CTP), com queda de 45% no faturamento para o mercado. Para Diego Drummond, sócio da Faro Editorial, um dos erros da indústria foi acreditar que baixar ou manter o preço do livro atrairia mais leitores, mas isso não ocorreu. Uma dificuldade das editoras tem sido chegar às pessoas. Fonte: SOBOTA, Guilherme "Setor editorial perdeu 25% do faturamento em 13 anos", disponível <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,setor-editorial-perdeu-25-do-faturamento-em-13-anos,70002846740>, acesso em 12/06/2019

Livraria flutuante: A partir de agosto de 2019, a maior livraria flutuante do mundo vai atracar em portos brasileiros, com mais de 5 mil livros a bordo. A chamada Logos Hope passará pelos municípios de Santos, Rio de Janeiro, Vitória, Salvador e Belém, respectivamente. A proposta do navio é promover projetos sociais e de ajuda humanitária, com o apoio de 400 voluntários. Segundo a empresa alemã GBA Ships, responsável pelo navio, pelo menos 47 milhões de pessoas em 150 países já subiram na embarcação em quase quatro décadas de atuação. Fonte: DIOGENES, Juliana, "Maior livraria flutuante do mundo vai atracar em cinco cidades brasileiras em 2019", disponível em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,maior-livraria-flutuante-do-mundo-vai-atracar-em-cinco-cidades-brasileiras-em-2019,70002801202>, acesso em 12/06/2019

EMBALAGENS

Embalagens: A maior produtora de proteína animal do mundo, a JBS, irá investir cerca de R\$ 100 milhões na construção de uma fábrica de embalagens metálicas e na modernização de sua unidade em Lins, no

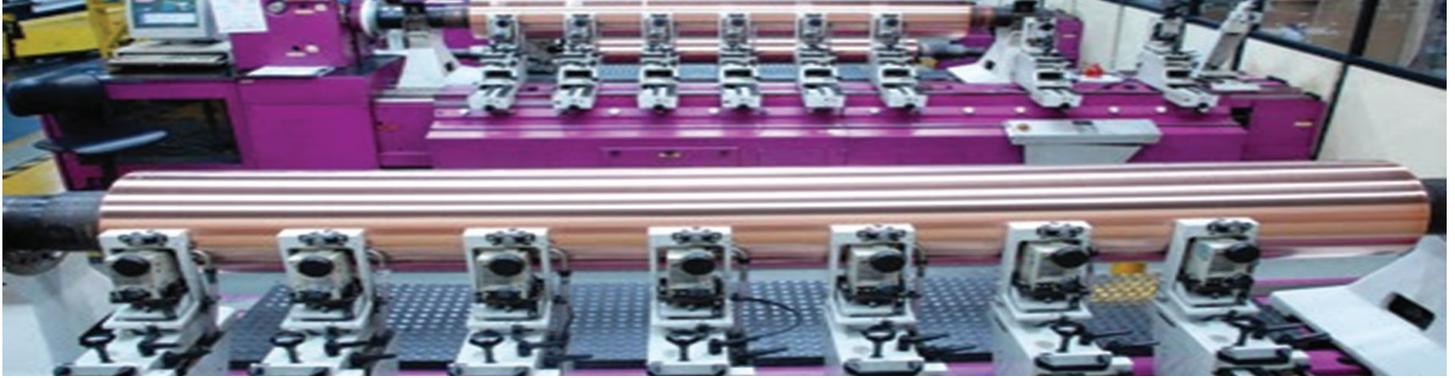
interior paulista. O início da operação está previsto para o primeiro semestre de 2020. A unidade terá três linhas de produção e será voltada para o mercado doméstico. A JBS, com a inauguração, irá produzir 220 milhões de embalagens para aerossóis por ano, com a entrada no segmento de embalagens de alumínio e foco no mercado de cosméticos, como desodorantes.

Fonte: REUTERS, "JBS investe R\$105 milhões em produção de embalagens no interior de SP", disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/05/jbs-investe-r105-milhoes-em-producao-de-embalagens-no-interior-de-sp2019.ghtml>, acesso 12/06/2019

Papelão ondulado: Em maio de 2019, as vendas de papelão ondulado utilizado em embalagens, caixas, acessórios e chapas aumentaram 4,2% na comparação com abril e somaram 306.221 toneladas, segundo dados da Associação Brasileira de Papelão Ondulado (ABPO). Em relação a maio do ano passado, a produção cresceu 29,22%. A ABPO atribui a forte expansão no comparativo anual à greve dos caminhoneiros que ocorreu em maio de 2018 e levou a uma forte queda na expedição de papelão ondulado, levando, por si só, a uma recuperação superior a 20% em 2019. Fonte: ESTADÃO, "Venda de papelão ondulado cresce 4,2% em maio, mostra preliminar da ABPO", disponível em <https://www.dci.com.br/neg%C3%B3cios/venda-de-papel-o-ondulado-cresce-4-2-em-maio-mostra-preliminar-da-abpo-1.808821>, acesso em 12/06/2019

BENS DE CAPITAL

Importação de bens de capital: O governo irá facilitar a importação de bens de capital sem tarifa e ampliar a concessão do regime de "ex-tarifário" para bens de capital de informática e telecomunicações. Esse mecanismo consiste na queda temporária, para zero, da tarifa de importação sobre produtos que não tenham similares nacionais. Sem o benefício, essas tarifas variam de 14 a 16%. A intenção é diminuir pela metade o tempo médio atual, em torno de 90 dias, para que pedidos de enquadramento de bens importados como "ex-tarifários" sejam deferidos ou não pelo governo. Hoje, os pleitos devem passar por um rito que envolve consulta pública de 30 dias (para manifestações contrárias à redução



tarifária), sinal verde de dois órgãos colegiados e duplo pronunciamento da Receita Federal. O escopo do regime também será ampliado. Atualmente, só é contemplado com tarifa zero de importação de bens de capital, de informática ou telecomunicações, o produto sem produção nacional equivalente. A nova prática irá facilitar a inclusão de BKs (bens de capital) ou BITs (informática e telecomunicações) na lista de “ex-tarifários”. Todos os produtos sem condições de preço, prazo e produtividade semelhantes às de fornecedores estrangeiros poderão receber tratamento especial. Além disso, será automática a extensão de todos os “ex-tarifários” em vigência até 31 de dezembro de 2021. Os novos bens incluídos no regime terão esse mesmo prazo. Atualmente, a redução da tarifa de importação vale por 24 meses. Somente no ano passado, foram concedidos 3.826 “ex-tarifários”, com importações estimadas em US\$ 6,2 bilhões, segundo dados oficiais. Ao todo, estão vigentes 6.354 itens com “ex-tarifários”.

Fonte: RITTNER, Daniel, “ Governo vai facilitar importação de bens de capital sem tarifa”, São Paulo, 28 de março de 2019, Valor A6.

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Investimentos: A Cimed terá financiamento aprovado no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de R\$ 100 milhões para a sua nova unidade em Pouso Alegre (MG). Os recursos destinam-se à produção de medicamentos genéricos e similares. A capacidade de produção de medicamentos sólidos

orais da Cimed será ampliada em 35% e estima-se a criação de mais de 100 novos postos diretos de trabalhos. Fonte: PANORAMA FARMACÊUTICO, “BNDES aprova financiamento para fábrica de medicamentos em Minas”, disponível em <https://panoramafarmaceutico.com.br/2019/06/14/bndes-aprova-financiamento-para-fabrica-de-medicamentos-em-minas/>, acesso em 14/06/2019

Vendas de medicamentos: As vendas de medicamentos genéricos apresentaram crescimento de 9,28% no acumulado de janeiro a março de 2019, enquanto os demais remédios registraram crescimento de 5,28% no período, segundo dados da IQVIA, que audita as vendas da indústria. Em receita, o crescimento dos genéricos foi de 13,4%, contra 9% do mercado em geral. Para Telma Salles, presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Medicamentos Genéricos (PróGenéricos), a crise econômica tem contribuído para estimular a migração para os genéricos, que hoje representam o principal instrumento de acesso a medicamentos no País. Outro motivo seria a confiança dos médicos, uma vez que de cada 10 medicamentos prescritos seis são genéricos, indicados principalmente para o tratamento de doenças crônicas, onde está concentrada a maior parte do portfólio. Os pacientes também têm aderido mais a essa classe de medicamentos. FONTES: Stella, “ Crise econômica impulsiona consumo de genéricos” disponível em <https://www.valor.com.br/empresas/6234889/crise-economica-impulsiona-consumo-de-genericos>, acesso 14/06/2019

Edição: Nº 3 | Agosto 2019
Referente a janeiro a junho de 2019
Elaboração: Websetorial Consultoria econômica
www.websetorial.com.br

